

Instituto Confúcio será oficialmente inaugurado no próximo dia 22

ISABEL GARDENAL
bel@unicamp.br

As serem indagados por curiosos sobre o local do primeiro dia de aula de mandarim, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, três estudantes que passavam diante da sala de aula em que seria realizado o curso, não somente se interessaram pela novidade como entraram na sala para assistir à aula de mandarim. Trata-se de um curso de extensão para a comunidade desta Universidade e para a comunidade externa. São três aulas por semana em seis níveis somente no curso básico, perfazendo 50 horas semestrais. A vantagem para aqueles que são da Unicamp é que o curso é gratuito. Para os de fora, o curso está sendo oferecido ao custo de 160 reais.

Este é o primeiro curso de mandarim ministrado na Unicamp em iniciativa conjunta com o Instituto Confúcio (IC), envolvendo a Beijing Jiaotong University. Também é ofertado em outros Confúcios espalhados pelo Brasil. Em São Paulo, por exemplo, o Instituto está presente na Unesp, onde soma mais de 600 alunos, e na Fundação Armando Alvares Penteado (Faap), onde chega a 200 alunos. “Estamos otimistas com o curso da Unicamp e imaginamos que ele deve atrair mais atenção ainda com o seu desenvolvimento”, enfatiza o docente do Instituto de Economia (IE) Walter Belik, diretor brasileiro do IC. Da parte chinesa, a atual diretora do IC, a professora Gao Hongyan, deu as boas-vindas aos alunos no IEL no último dia 24, a maioria composta de estudantes da Unicamp.

Bárbara Bonfim, 17 anos, primeiranista do curso de engenharia de alimentos, conta que fez mandarim em São Paulo. Como parou e não teve mais contato com a língua, fica com receio de esquecê-la. “Essa oportunidade da Unicamp vem a calhar”, retrata a estudante. Ela revela que se interessou pelo mandarim meramente pelo conhecimento de uma nova língua e que a sua maior dificuldade (e que deve ser a dos alunos também) é

Alunos começam curso de mandarim na Unicamp



Ideograma na primeira aula do curso iniciado dia 24: 50 horas semestrais

Fotos: Antonio Scarpinetti



O professor Walter Belik, diretor brasileiro do IC: “O curso deve atrair mais atenção ainda com o seu desenvolvimento”

a identificação dos ideogramas. “Se errar um, o significado muda completamente”, mencionou. Agora Bárbara planeja se comunicar com os chineses nas redes sociais.

Por outro motivo, mas também pelo interesse no mandarim, o pós-graduando Wagner Andrade foi levado a buscar o estudo do mandarim. Wagner, que faz doutorado em ensino

e história de ciências da terra, explica que gosta da China e que pretende desenvolver sua pesquisa lá por meio de um doutorado-sanduíche. Estava ansioso pela primeira aula, ministrada pela professora chinesa Wang Li. Tanto Bárbara quanto Wagner se juntaram a 20 alunos inscritos numa das três turmas do curso, que ainda mantém inscrições abertas aos interessados.

Segundo Belik, a China é subavaliada em termos de importância para o Brasil, do qual é o primeiro parceiro comercial. “Sabemos pouco dessa cultura. As notícias que chegam de lá em geral vêm através das agências internacionais. A recíproca é a mesma, da China em relação ao Brasil. Logo, a ideia é estreitar os laços entre os dois países”, comenta. “Como essa é uma instituição universitária, então nos interessa muito consolidar as nossas relações culturais e acadêmicas.”

Belik pontua que as empresas chinesas têm chegado mais intensamente ao Brasil e que por essa razão o Instituto Confúcio deve aproveitar a sua capacidade empresarial na região de Campinas. Ele destaca a necessidade que o Brasil tem de conhecer melhor os costumes chineses e o modo de se relacionar com a China nos negócios. “Estamos falando de um país com uma tradição de mais de 3 mil anos e com uma população superior a 1 bilhão e 300 milhões de habitantes”, acentua.

No dia 22 de abril, será inaugurado oficialmente o Instituto Confúcio na Unicamp. “O curso de mandarim começou um pouco antes”, afirma Belik. No dia da inauguração, a Unicamp receberá uma grande delegação, de 22 estudantes, da Beijing Jiaotong University. Eles virão acompanhados de dois docentes daquela instituição. Será uma nova etapa na relação com o Instituto Confúcio. De 22 a 24 de abril estará ocorrendo então no campus de Campinas uma semana cultural chinesa, com apresentação de filmes, teatro, debates e gastronomia, entre outras atividades programadas.

O papel social das sinfônicas

Fórum reúne maestros, compositores e gestores

LUIZ SUGIMOTO
sugimoto@reitoria.unicamp.br

“Gestão orquestral e compromisso social” foi o tema do primeiro evento proposto pelo Centro de Integração, Documentação e Difusão Cultural (Ceddic) da Unicamp dentro dos Fóruns Permanentes organizados pela Coordenadoria Geral da Universidade (CGU). O fórum reunindo importantes maestros, compositores e gestores para discutir questões de planejamento artístico e administrativo, bem como os novos papéis das orquestras sinfônicas na sociedade atual, aconteceu no último dia 24 no Centro de Convenções. Além dos mais de 90 inscritos, um público bem mais amplo pôde acompanhar as discussões graças à transmissão ao vivo pela RTV Unicamp para os campi e pela Internet para outras partes do país.

Segundo os organizadores, o tema do fórum se justifica plenamente diante do aumento da profissionalização de músicos e gestores da área artística, o que resulta numa melhoria na qualidade dos eventos; e também porque as instituições sinfônicas têm se mostrado cada vez mais ativas no desenvolvimento de programas educativos e sociais, auxiliando na melhoria da condição sociocultural de moradores da periferia, ao mesmo tempo em que amplia o alcance da música erudita.

Cinthia Alireti, maestrina da Orquestra Sinfônica da Unicamp (OSU) e idealizadora do fórum, adiantou que seriam discutidas questões que não se aprende na escola, apenas no dia a dia das orquestras. “Existe muita curiosidade sobre como se organiza uma orquestra e como se lidam projetos para a

melhoria social na região em que vivemos. Além das dificuldades administrativas e de planejamento artístico, são desenvolvidos projetos de médio e longo prazo voltados a educação musical, formação de público e inclusão de crianças de áreas carentes. Um exemplo são as chamadas orquestras sociais, em que se ensina sobre determinados instrumentos até termos a orquestra montada. É uma forma de conectar essas crianças e trazê-las para o nosso mundo.”

Claudiney Carrasco, professor do Instituto de Artes (IA) da Unicamp e atual secretário municipal de Cultura de Campinas, participou da primeira mesa-redonda do dia, sobre “Projetos sociais e educação musical”. “A educação é o ponto central da discussão, mas vou procurar fazer uma ligação com a gestão da Orquestra Sinfônica de Campinas, que atua em várias ramificações como de formação de público e concertos didáticos em escolas, além de se apresentar nos bairros e trazer aquelas populações para seus espetáculos. Partindo daí, sofisticamos a atuação em projetos efetivamente educativos, como a Escola de Música, agora reaberta, tendo como professores os estagiários do Departamento de Música da Unicamp.”

Além de Claudiney Carrasco e de Cinthia Alireti como mediadora, a primeira mesa teve a participação de Adriana Schincaiol, da Escola de Música do Estado de São Paulo (EMESP Tom Jobim), e de Edson Leite, diretor da Orquestra Sinfônica da USP (OSUSP). A mesa sobre “Formação de público e difusão da música contemporânea”, mediada por Denise Garcia, diretora do Ceddic, teve como debatedores o maestro Antônio Borges-Cunha, diretor artístico e regente da Orquestra de Câmara Theatro



Foto: Antoninho Perri

Cinthia Alireti, maestrina da Orquestra Sinfônica da Unicamp: “Existe muita curiosidade sobre como se organiza uma orquestra”

São Pedro (Porto Alegre, RS); e o professor e compositor Leonardo Martinelli, da Faculdade Santa Marcelina e também diretor de formação da Fundação Theatro Municipal de São Paulo.

A última mesa, que tratou de “Programação de temporadas artísticas”, foi mediada por Parcival Módolo, regente da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, e teve

como debatedores: Jamil Maluf, fundador da Orquestra Experimental de Repertório e regente titular da Orquestra Sinfônica de Piracicaba; Victor Hugo Toro, regente titular e diretor artístico da Orquestra Sinfônica de Campinas; Lutero Rodrigues, regente titular da Orquestra Acadêmica da Unesp; e Abel Rocha, regente titular e diretor artístico da Orquestra Sinfônica de Santo André.